

BELEZA E MÍSTICA DAS MULHERES POBRES

INTRODUÇÃO:

“COMO VOCÊ É BELA, MINHA AMADA,
COMO VOCÊ É BELA!” (Ct 4,1)

O Espírito de Deus nunca se ausentou do Corpo. Mesmo que janelas e portas tenham se fechado, Ele penetrou pelas frestas. Como forte vendaval, manifestou sua energia dinâmica, criadora, sapiencial, renovadora e provocativa.

Segundo a narração sacerdotal do Gênesis, no princípio nada havia senão Deus... As cores inexistiam. Do silêncio explosivo do Espírito emergiu o canto da criação: minúsculos e gigantescos organismos, paulatinamente, como grande orquestra, tocaram a sinfonia da gratuidade de Deus.

O Espírito fulgurou no universo. Protagonistas: mulher e homem, corpos cheios de paixão, criados à Imagem e Semelhança do Único e Verdadeiro Deus (Gn 1,27). Criou-os por amor e para o Belo.

O espírito criou filhos e filhas cheios de fecundidade. Insufinou no coração das mulheres pobres da nossa gente os segredos da criação. Desse encontro místico¹ — união de corpos femininos e a RUAH (o Espírito de Deus) —, despontou a beleza de uma nova geração de mulheres, cujo escopo é RE-CRIAR o imenso palco da vida da periferia dos grandes centros urbanos.

Nesse artigo, tento apreender a beleza e a mística das mulheres pobres que estão à frente das CEBs da Igreja de São Paulo. A beleza, aqui, é enfocada a partir de novos parâmetros. Não é e nem pode ser privilégio daqueles que têm Poder. É um direito concedido também aos pobres. Trata-se de um direito

1. Ivone GEBARA, *Mística e Política na experiência das mulheres*. Em *REB*, 49(1989), pp 913-926.

que os liberta dos sofrimentos, das dores, e faz reinar o encanto, a fantasia, a delícia da vida, o prazer do corpo². Beleza é uma experiência mística que tudo quer transfigurar. Não se pode falar de libertação sem considerar a criatividade das mulheres pobres: por onde passam, suscitam cores e danças para que a vida seja também uma grande Festa.

2. Maria Teresa PORCILE, *O direito à beleza na América Latina, Rosto Feminino da Teologia*, Aparecida, Santuário, 1990, pp. 62-82.

1. ESPIRITUALIDADE E BELEZA

São aspectos libertadores na vida dos pobres. Beleza não se confunde com os modelos impostos pela economia de mercado. É mais do que “pura aparência”. Está associada ao Espírito.

O Espírito de Deus manifesta-se como criador e vida (Gn 1,2), pleno de santidade e glória (Is 1,3), renovador (Lc 4,14-18; At 10,35), é o próprio amor (Rm 5,5). É o grande artista da criação.

As mulheres pobres são inspiradas pela ação dinâmica do Espírito de Deus. Criam e recriam. Mesmo diante de tantas dificuldades, quando quase sempre falta pão, quando ossos são machucados pelos trabalhos, elas jamais deixam de sonhar e lutar. Lutas que geram dignidade para o corpo. Estas mulheres, às vezes no anonimato, fiéis ao Senhor da Vida, não obstante a escuridão das noites, recompõem forças exauridas daqueles e daquelas que passam pela dor.

É mister resgatar a força criacional das mulheres pobres. Resgatar suas canções, festas, danças, seu folclore, seus quitutes, seus movimentos de organização, sua religiosidade... No conjunto, tudo isso expressa sua profunda espiritualidade. A partir desta perspectiva, assevera Maria Teresa Porcile:

*“O Espírito de Beleza transforma o caminho penoso em dança e festa, o parto, em iluminação, a libertação em celebração... O povo cria festa, busca unidade, faz poesia, se expressa em cantos populares, produz êxtase na dança dos entusiasmos. Ali o povo dos pobres e o povo de Deus se fortalece em sua esperança, nessa comunhão gratuita de beleza feita celebração antecipada.”*³

3. *Ibidem.*, p. 69.

Abrir-se ao Espírito anula qualquer dicotomia entre mística e realidade. Para as mulheres pobres, o corpo e tudo o que se refere a ele deve ser transformado. Da contemplação do Santo, nasce a contemplação pelos irmãos sofridos, a compaixão; daí o gesto concreto: a recuperação dos corpos tristes, às vezes sem brilho e sem vida. Elas, de forma ousada e profética, assumem suas dores e abrem sepulturas para que os mortos ressuscitem (Ez 37,1-6).

2. A BELEZA DOS POBRES EM JESUS

A Beleza em Jesus é paradoxal.⁴ Visibiliza a Trindade. Fascina seus discípulos e discípulas com gestos e palavras. Carre-

4. Carlos MESTERS, *Flor sem defesa*, Petrópolis, Vozes, 1986, pp. 128-160.

gou consigo as dores e as enfermidades do povo (Mt 8,17). A Beleza está na sua gratuidade que conduz os pobres à Terra Nova.

Todavia a Beleza de Jesus, por um momento, foi cerceada. Sua fidelidade ao Pai trouxe o martírio. Porque evidenciou o corpo, passou pela morte. A teologia da cruz guardou na memória as palavras de Isaías:

“Sem figura nem beleza, vimo-lo sem aspecto, desprezado e humilhado pelos homens, como homem das dores, experimentado nos sofrimentos, diante do qual se tapa o rosto, menosprezado e desestimulado” (Is 53,2-3).

Paradoxalmente, o SERVO SOFREDOR, sem beleza física, é o Senhor da Glória que atraiu a eles e a elas que, há muito, tinham perdido a esperança: *“Quando for elevado, atrairei todos a mim”* (Jo 12,32). É desse homem desfigurado, debilitado, filho de Deus, que vem a salvação.

Na feiúra aparente do Filho, o Pai e o Espírito Santo estão presentes, confundindo os fortes desse mundo. Da fealdade do Filho de Deus emerge a Beleza incomparável que resgatou para sempre a dignidade do povo de Deus.

Como compreender que aquele que estava desfigurado pelo sofrimento, pela pobreza, injustiça, fosse a epifania da Glória de Deus (KABÓD)? Maria Teresa Porcile, teóloga, reflete essa ambigüidade nos seguintes termos:

*“A síntese deste paradoxo está nisto: o mesmo Servo é o exaltado na Glória (Fl 2,5-11). Aquele servo desprezado e desprezável arranca grito de admiração: ‘Meu Senhor e meu Deus’ (Jo 20,28). O discípulo tocou as chagas de luz, e da ferida transfigurada surgiu um gratuito canto de admiração. É o paradoxo da beleza, vulnerável da glória crucificada? E, por acaso, não é este o paradigma mais exato da beleza a descobrir hoje neste povo de Deus, encarnação presente do servo de Javé”?*⁵

5. PORCILE, *op. cit.*, p. 79.

Evocar os textos que falam do despojamento de Jesus (*kénosis*) é fundamental para a compreensão da Beleza. Este enfoque se esquia da prática adotada pela economia de mercado, quando a beleza é identificada sempre a partir do “poder de compra”: quem “tem” compra beleza; quem não tem... Nessa perspectiva, os pobres, homens e mulheres, jamais farão a experiência da beleza, já que não possuem as condições mínimas para sobreviver e muito menos para cuidar do visual a partir de estereótipo estabelecido pela mídia.

O que se apreende é que a teologia da Cruz evidencia que a Beleza não se encerra no “poder de compra”. Pelo contrário. Questiona o que é artificialismo, engodo, ilusão. Se a beleza não tiver raiz no Amor, na insistente luta pela sobrevivência de todos os Corpos, não passa de um papel luminoso, que encan-

ta e seduz, mas não vai além de uma matéria-prima descartável que se fragmenta com a chuva.

Para Jesus, todos foram criados para a beleza, para a festa, para a dança e alegria. A salvação dos corpos é o resgate da beleza. Por onde Jesus passou, tocou, algo aconteceu. Não foi esta a experiência inaudita dos discípulos e discípulas no início da Igreja?

O livro do Apocalipse fala que os pobres, aqueles e aquelas abertas ao Espírito, caminham para a nova cidade, a Jerusalém que começou a ser construída lá e cá (Ap 22,1-5). A Nova Jerusalém é a cidade que as mulheres pobres vão construindo com força espiritual, na reciprocidade dos sexos. Nesta nova cidade, já estão morando negros, índios, homens, mulheres, deficientes, trabalhadores de rua. Eles não passam mais fome. E nem sede. Nesta nova cidade, não há condomínio fechado... A cidade se tornou de todos e para todos.

O alicerce da nova cidade foi construído por Jesus através da *Basiléia*. O Reino é Graça que desponta novo amanhecer.⁶ Jesus congregou o povo da nova cidade: curou os doentes, alimentou famintos, anistiou os presos, libertou as mulheres do cativeiro patriarcal. A nova cidade substitui a cidade da morte, da tristeza, da injustiça: “A sua característica consiste em estar penetrada e ser iluminada pela Glória ou o ser de Deus.”⁷

6. Jon SOBRINO, *Cristologia a partir da América Latina*, Petrópolis, Vozes, 1983, pp 67-82.
7. Ana Flora ANDERSON e Gilberto GORGULHO, *Não tenham medo*, São Paulo, Paulinas, 1983, p. 197.

3. A BELEZA DO CORPO FEMININO

“Quem é essa que desponta como aurora, bela como a lua, fulgurante como o sol, terrível como esquadrão com bandeiras desfraldadas?” (Ct 6,10).

É inadmissível pensar a mística cristã sem o corpo. Ele experimenta a crucificação e a ressurreição.⁸ Durante séculos, a espiritualidade cristã considerou o corpo sob suspeita. Enfatizava-se o “espírito” em detrimento do “corpo”.

O cristianismo primitivo não negou o corpo e não tinha visão fragmentada da pessoa humana.⁹ No processo de evangelização, ao entrar num ritmo de aculturação com o mundo helênico, o dualismo platônico emergiu com grande força, não deixando de influenciar o maior teólogo antigo, Santo Agostinho.

Santo Tomás não separa o corpo do espírito. Não possui visão dualista da pessoa. Pelo contrário, ele fala de uma integração, da totalidade do ser, sendo fiel à tradição bíblica. Infelizmente, seus discípulos não foram fiéis ao pensamento do teólogo maior.¹⁰

A mística cristã, como mostram os antigos livros ou manuais de teologia, insistia nos valores do “espírito” em contra-

8. Franz HINKELAMMERT, *As armas ideológicas da morte*, São Paulo, Paulinas, 1983, p. 291.
9. José COMBLIN, *Antropologia Cristã*, Petrópolis, Vozes, 1985, pp. 76-94.

10. *Ibidem.*, p. 81.

posição ao “corpo”, ao mundo ou à história. Foi a partir desta ótica que surgiram expressões como estas: “A carne é fraca, o espírito é forte”; “salva a tua alma”; “o corpo para nada serve”; “o espírito é superior”; “sentir prazer com o corpo é pecado”; “sexo só em função da procriação”; “cuidar do corpo é vaidade”. Obviamente, tais expressões estão carregadas de uma ideologia dualista e pessimista.¹¹

11. Antonio MOSER e Bernardino LEERS, *Teologia Moral: impasses e alternativas*, Petrópolis, Vozes, 1988, p. 40.

A espiritualidade das mulheres pobres, ao contrário de uma concepção dualista do ser humano, redescobriu a Beleza do Corpo. A beleza se configura numa doação de si mesmas, gesta lutas de libertação, as quais se iniciam no trabalho profissional e na própria CEB. Essa beleza é dinâmica, conflitiva e perigosa.

*“De repente, o corpo da mulher se descobre pela primeira vez a seus próprios olhos e ela o descobre como corpo usado a serviço do corpo do qual ela não tem posse nem conhecimento, corpo que pertence à ‘razão’, que domina o mundo e que determina o uso do corpo é também corpo que pensa, que tem desejos próprios, que é também razão. Daí o início do confronto entre homens e mulheres, entre os corpos dos dominadores e das dominadas. Daí também a novidade, o conflito no qual o novo está sendo gestado como fruto de ventres escravos querendo nascer para a liberdade”.*¹²

12. Ivone GEBARA, *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*, São Paulo, Paulinas, 1989, p. 12.

Já se vislumbra uma consciência de que o corpo deve ser redimido na totalidade. Nesta redenção, o homem possui uma participação efetiva. Mulher e homem receberam de Deus a vocação de lutarem na defesa do corpo, gestado do ventre de Deus para fecundar o universo.

A beleza desse corpo de mulher se encontra no ser feminino, na sua liberdade buscada, na coragem que grita, nas mãos que constroem e se unem em preces, nos pés que, como os antigo bandeirantes, desbravam imensos sertões da cidade. A beleza é o despertar deste corpo que insiste no prazer.¹³

13. Rubem ALVES, *Variações sobre a vida e a morte*, São Paulo, Paulinas, 1982, pp. 172.

14. Carlo ROCCHETTA, *Per una teologia della corporeità*, Torino, Camilliane, 1990, cap. X.

Se as mulheres pobres resgatam o corpo como sinal do Reino, não está aí a grande revolução? Corpo não é coisa. Não é receptáculo do sêmen. É a visibilidade do *Kabôd* (Glória de Deus), epifania da beleza divina, lugar da Graça.¹⁴

4. BELEZA E LITURGIA — A FESTA DA KOINONIA

A liturgia é o lugar da koinonia. Deus se faz presente através da Palavra, que congrega o povo a fazer experiência da partilha. É a celebração do louvor da beleza de Deus, manifestada na vida das mulheres pobres, que sonham e realizam novos horizontes. No encontro com o Senhor, o DEUS-QUE-FASCI-

NA, tudo vibra. Essa vibração é concretizada através dos cantos, das velas acesas, das flores trazidas do jardim, dos altares ornamentados e cobertos por toalhas bordadas, de corpos enfeitados e vestidos com roupas confeccionadas em casa ou na escola de costura do centro comunitário. Tudo isso — que parece medíocre para os que compram beleza — é festa que transfigura rostos sofridos de um povo pobre. Deus é o Senhor cuja Beleza convida os humildes a dançar, suscitando a positividade da existência.

As festas litúrgicas nas CEBs são experiência da Ressurreição. São o banquete dos pobres que se prolonga nas casas, nos bares, no trabalho, nas ruas, no mundo.¹⁵

A liturgia é celebrada como festa do Sim à construção da nova cidade que as mulheres constroem. Elas, agraciadas pelo Espírito, criam realidade onde há cores e luzes. De modo próprio, celebram suas conquistas. Repetem o gesto de Tistu, o “MENINO DO DEDO VERDE”, que rompe com os valores burgueses da sua família. Inconformado com as injustiças de sua cidade, MIRAPÓLVORA, dominada pelo seu pai, patriarca que tinha sapatos-que-brilham, ele dirige-se à periferia, encontra-se com os favelados, doentes e oprimidos. Com o seu dedo verde, vai tocando tudo o que está desfigurado e, assim, pessoas e coisas se transformam. A Beleza vai ocupando espaços na vida daquela gente que não mais sorria. As favelas são substituídas por casas dignas com jardim na frente; os doentes são curados e recuperam a saúde; os oprimidos voltam a sorrir... Destarte, os pais de Tistu descobriram que sua força criacional vinha do alto, e ele era um ANJO.

Essa ESTÓRIA na vida das mulheres pobres das CEBs de São Paulo — e quiçá em toda a América Latina e Caribe e nas “Galiléias desse mundo” — é HISTÓRIA. Onde puseram não só o dedo, mas o corpo inteiro, a Graça abundou.¹⁶ Por conseguinte, beleza, mística e justiça estão abissalmente associadas.

A celebração festiva e cheia de esperança é sinal de vitória, memória ativada, explosão mais profunda do amor. O corpo deixa fluir o encanto, a fantasia, a realidade alcançada, a sobrevivência adquirida. Tudo ali é poesia, canção, lampejos da beleza sedutora de Deus.

CONCLUSÃO

Elas abrem a porta... e nos convidam a entrar...

No livro “Cântico dos Cânticos”, o amado diz à amada: “*Você é bonita, minha amiga*” (5,4). O amado reconhece a dignidade da sua amada. O livro resgata o corpo feminino exaltando-o como obra-prima de Deus.

15. Carlos L. BRANDÃO, *Lutar com as palavras*, São Paulo, Paulinas, 1985, p. 75.

16. ROCCHETA, *op. cit.*, p. 190.

Este livro, através da sua poesia, é fonte para a Teologia do Corpo. Só é possível fazer a experiência de Deus a partir do amor humano, da realidade corporal. Uma espiritualidade que anula a força emocional do corpo é heresia. O Verbo de Deus assumiu a corporeidade (Jo 1,14). A revelação maior do Deus da Vida é visibilizada em Jesus de Nazaré, corpo doado, corpo espiritualizado.

As mulheres pobres são as amadas e desamadas, fiéis ao projeto do Deus da vida, que chegam silenciosamente, eclodindo seus gritos proféticos. Elas fecundam o DESERTO árido dos bairros, das ruas... Cantam para a criança dormir. Suas mãos suaves e ásperas querem, como Verônica, enxugar nossos rostos masculinos, também cansados e abatidos.

A beleza das mulheres pobres é progressiva, causa impacto, exige conversão. Uma beleza que não se compra... Elas se aproximam com flores nas mãos e fazem, como Jesus, multiplicar o pão... Convidam e insistem — e insistem — para que todos os homens experimentem os mesmos desafios, numa relação de reciprocidade.

Enfim, fica aqui uma questão: se estamos vivendo a “Hora da Mulher”, como dizia Clarice Lispector, quando faremos emergir uma espiritualidade da partilha dos sexos, talvez a exemplo de Teresa D’Avila e João da Cruz?

P. Paulo Roberto CAVALCANTI
Mestrado Teologia Sistemática-Faculdade Assunção, São Paulo
Professor da Faculdade Assunção e ITESP